

LÍNGUA E DISCURSO: APROXIMAÇÕES¹

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima (UEG)

Ao lermos as introduções de *Semântica e discurso* de Michel Pêcheux e *Análise do discurso político* de Jean-Jacques Courtine, é possível identificar aproximações e distanciamentos entre a Análise do Discurso e a Linguística, observando as relações entre seus respectivos objetos, discurso e língua. Prenunciando a introdução de *Semântica e discurso*, Pêcheux apresenta uma “simples nota prévia”, explicando os termos *semântica*, *semiótica* e *semiologia*, e as condições de seu aparecimento no campo das ciências da linguagem. Com isso, define a *Semântica* como disciplina basilar ao entendimento de que os sentidos têm uma configuração histórica. Na introdução, faz um breve relato sobre a conjuntura política do movimento comunista internacional e coloca a ideologia como uma das questões privilegiadas de novas interrogações.

Entre regiões teóricas às quais, durante o período do stalinismo histórico, se impedia o acesso, a *Semântica* constituía um “terreno tabu”. É com Adam Schaff que se empreende uma reconciliação entre o marxismo e a semântica. Após fazer uma breve análise dos estudos de Schaff, contemporâneos, em parte, ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética - PCUS, realizado entre 14 e 26 de fevereiro de 1956, Pêcheux (1997, p. 20) reitera que o seu propósito “é o de questionar as evidências fundadoras da ‘Semântica’, tentando elaborar, na medida dos meios de que dispomos, as bases de uma teoria materialista”. A situação da linguística em 1975, época em que o livro foi publicado, caracterizava-se por três tendências, que eram: a *tendência formalista*, organizada por Chomsky, a *tendência histórica* e a *tendência* que se poderia chamar de *linguística da fala*, que se estende aos estudos da enunciação, do texto, do discurso e de outros segmentos. O que está na base dos confrontos entre essas tendências é a contradição entre *o sistema linguístico* (a ‘língua’) e determinações *não-sistêmicas* que estão ligadas a ele. Com isso, Pêcheux (*Ibid*, p. 23) assinala que “a ‘língua’ como sistema se encontra contraditoriamente ligada à ‘história’ e aos ‘sujeitos

¹ Resenha produzida com base nas Introduções das seguintes obras: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Trad. Eni P. Orlandi et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997; COURTINE, J-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Trad. Patrícia C. R. Reuillard et al. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009.

falantes’ e essa contradição molda atualmente as pesquisas linguísticas sob diferentes formas, que constituem precisamente o objeto do que se chama a semântica”.

Pela complexidade da relação entre linguística e história – principalmente sob a ótica da tendência formalista, segundo a qual “a língua não é histórica”, mas um *sistema*, uma *estrutura* – Pêcheux (*Ibid*, p. 24) observa que uma referência à História, a propósito das questões de Linguística, “só se justifica na perspectiva de uma análise materialista do efeito das relações de classe sobre o que se pode chamar as ‘práticas linguísticas’, inscritas nos aparelhos ideológicos de uma formação econômica e social dada [...]”. Defende, assim, uma análise materialista das práticas de linguagem, o que inclui uma análise dos processos discursivos e das formações discursivas. O autor cita Althusser (1970), reiterando que é na conjuntura teórica e política do materialismo histórico que se constituem posições ideologicamente definidoras dos significados das palavras, o que justifica uma articulação entre o linguístico e o histórico nas proposições e expressões utilizadas pelos sujeitos.

Em *Análise do discurso político*, Courtine (2009) discute alguns “problemas teóricos e metodológicos em Análise do discurso”. Embora situe o seu trabalho nos procedimentos de análise e nos elementos teóricos da obra de Pêcheux, ele ressalta que sua filiação a essa postura não é uma repetição pura e simples. Ao citar Dubois (1978), observa alguns dos princípios que dão sustentação à Análise do discurso, quais sejam: *ela deve realizar o fechamento de um espaço discursivo; ela supõe um procedimento linguístico de determinação das relações inerentes ao texto; e produz, no discurso, uma relação do linguístico com o exterior da língua*. Partindo desses princípios, Courtine produz uma análise do discurso político do Partido Comunista Francês endereçado aos cristãos, no período de 1936 a 1976, enfatizando que seu trabalho insere-se na tradição dos estudos que privilegiam a relação da língua com as ideologias. Contudo, justifica que há outras preocupações que o levam não apenas a compartilhar esse pensamento, mas a observá-lo de modo distinto.

Apresentando três características gerais à pesquisa que desenvolve, defende que *a adoção de um ponto de vista discursivo deve levar em conta a materialidade discursiva como objeto próprio; a materialização, sob forma de procedimentos determinados, de um corpo de propostas teóricas que visam ao discurso como ‘objeto de conhecimento’, expõe o discurso como objeto empírico concreto e que a descrição do quadro teórico da pesquisa e dos procedimentos que ele organiza seja suficientemente explícita*. Assim, preocupa-se em tratar, no discurso, da relação da língua com a história, destacando o conceito de formação discursiva e a distinção entre processos discursivos e língua, assinalando que *se os processos*

discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso, a língua, pensada como uma instância relativamente autônoma, é o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido (Idem, p. 32). Courtine (2009, p. 33) cita Paul Henry (1975), para reiterar que “todo discurso ‘concreto’ é duplamente determinado, de um lado, por formações ideológicas que remetem esse discurso a formações discursivas definidas, de outro, pela autonomia relativa da língua [...]”. Com isso, ressalta que a relação da AD com a Linguística é um ponto problemático, uma vez que seus objetos, o discurso e a língua, em suas relações estreitas e paradoxais, colocam-se em uma situação de delimitação recíproca ou constituem a fronteira uma da outra. Acrescenta, também, que o corte saussureano e o paradigma chomskyano são pontos que constituem um dos obstáculos da relação da AD com a Linguística, e é no campo da problemática da enunciação, no quadro da “linguística da fala” que se tem um indicativo da relação entre os fatos da língua e os fatos do discurso. Para o autor (Ibidem, p. 41), a problemática da enunciação é uma forma privilegiada de compromisso entre as tendências logicista e sociologista que permite garantir uma passagem contínua entre os fatos da língua e os fatos de discurso, de um lado, e a Linguística e a AD, de outro. Nesse sentido, Courtine indaga como pensar as relações da AD na ordem do empírico, desconsiderando a maneira como o sociologismo linguístico determina essa questão e como prever as relações da AD na ordem do formal sem se deixar fechar no logicismo. Essas questões perpassam toda a problemática da relação entre língua e discurso.

Assim, com os estudos de Pêcheux (1997) e Courtine (2009), entendemos que o discurso é o lugar em que a língua se desloca, entre a repetibilidade e a ruptura, é também a língua o lugar em que o discurso toma “forma”, sem se prender à fixidez ou à mobilidade que os sentidos evocam. Esses textos permitem compreender que ambos os autores, entre aproximações e distanciamentos, colocam questões sobre a historicidade que a Linguística exclui, sobre os efeitos materiais que a língua produz na história e partilham da ideia de que se a linguagem é exterioridade, a língua é estrutura e acontecimento.